

Recepção de fotografias. 23

(Para IRIS, S. Paulo)

O universo das fotografias, tal como nos cerca, é composto de imagens que se renovam diariamente. Mosaico cujas pedrinhas são constantemente renovadas. Todo dia novas fotos aparecem na mesa de café, e semanalmente novas fotos nos cartazes e nas vitrines. No entanto, não mais percebemos tal perpétua modificação: estamos habituados a ela. A modificação "não nos informa". O fato surpreendente, a verdadeira "informação", seria se tudo isto de repente parasse: todo dia os mesmos jornais, e o ano todo os mesmos cartazes. O "progresso" se tornou desinteressante e desinformativo, e os reacionários atuais são os progressistas. Mas não apenas habituados estamos à onipresença de fotos renovadas, desprezamos as fotos. O nosso desprezo é pernicioso, e merece ser considerado.

Todo mundo possui atualmente aparelho fotográfico, e pode fazer excelentes fotos. Como todo mundo aprendeu a escrever e pode fazer textos. No entanto: quem sabe escrever, sabe ler, (decifrar textos), mas quem sabe fotografar pode não saber decifrar fotografias. Tal analfabetismo fotográfico generalizado está no programa do universo das fotos. Os aparelhos são adquiridos por gente programada para tanto pela publicidade. O aparelho adquirido será de "último tipo", (menor, mais barato e mais automático que o tipo precedente), porque a indústria fotográfica vai melhorando seu programa. Vai fazendo isto automaticamente: o comportamento dos fotógrafos lhe serve de feed-back para tanto. Há canais, (revistas especializadas, pesquisas de opinião etc.), que alimentam constantemente a indústria com os dados relativos ao consumo de aparelhos. Tais canais de feed-back são o complemento dos canais de distribuição de fotos, e em seu conjunto canalizam eles o metabolismo da sociedade. Na "democracia" emergente a sociedade funciona como feed-back para o constante melhoramento dos programas dos aparelhos.

Os aparelhos fotográficos são brinquedos estruturalmente complexos, mas funcionalmente simples. Ao apertar o botão o fotógrafo-amador faz excelentes fotos sem ter a mínima ideia quanto aos processos complexos que está provocando no interior da caixa preta. E não quer ter a mínima ideia: quanto mais automático o aparelho, tanto melhor para ele. A estrutura complexa do aparelho inebria o foto-amador, e os clubes de fotografia são as covas de ópio da sociedade embriagada com automação progressiva. O foto-amador está drogado. Sente-se desprotegido sem seu aparelho, e sabe olhar o mundo apenas através o aparelho. O aparelho seduz o possesso por ele a constantemente apertar o botão para fazer fotos. Corrente magestosa de fotos inconscientes vai se derramando rumo a albuns e outros armazéns para foto "privadas". Mas quem considerar tais albuns, (por exemplo um que "documenta" viagem italiana), constatará que nada há de "privado" nisto. O album vai mostrar-lhe os lugares na Itália nos quais o aparelho estava para seduzir o fotógrafo a apertar o botão, o album é a memória do aparelho. Ilustra a vitória do aparelho sobre a intenção humana, e degrada o fotógrafo a funcionário do aparelho. As únicas fotos interessantes em tal album são as "estragadas": mostram que houve, afinal, intervenção humana.

A história da fotografia é processo de emancipação da droga. No seu início

os fotógrafos procuravam fotografar sempre novas situações, (a catedral de Florença, árvores, mulheres nuas, sua própria cara no espelho), com sempre os mesmos métodos inscritos no programa do aparelho. Procuravam "documentar" o mundo. Até se darem conta que "documentação" é feita melhor com aparelhos automáticos, (por exemplo em satélites), e que o homem perturba a "documentação" programada. Daí os verdadeiros fotógrafos terem passado a procurar fotografar sempre as mesmas situações com métodos sempre mais surpreendentes, (não inscritos no programa). Isto é: estão procurando fazer fotos jamais vistas previamente, "informativas". A história da fotografia é processo da conscientização de "informação", processo lento e penoso. Daí a diferença entre foto-amador e verdadeiro fotógrafo ser esta: o primeiro está drogada com a automação, o outro luta contra ela.

O amador sabe pois como fotografar: apertar botão, e o resto se dá automaticamente. De modo que "sabe" que não é preciso querer decifrar fotos. "Sabe", (na sua ignorância da automação), que o mundo se imprime automaticamente sobre a imagem. E despreza todo esforço de deciframento. Mas despreza as fotos por outra razão ainda. São elas folhetos de valor desprezível. Foto em jornal pode ser jogada, recordada, ou serve para embrulhar sanduíche. Fotos são manipuláveis com desprezo. Pois tal desprezo é precisamente a base do analfabetismo fotográfico visado pelos aparelhos para poderem manipular os receptores das suas mensagens.

Um exemplo: Foto em jornal mostra cena da guerra do Líbano, é sua "imagem". Em imagem os elementos pictoriais se relacionam significativamente um com o outro, e tais relações são éticamente carregadas. Imagens fascina, por serem mágicas e portadoras de mitos. Os carros blindados na imagem são "maus", as criancinhas são "boas", Beirut em chamas é o "inferno", os médicos em branco são "anjos". Forças ocultas giram sobre a cena, "imperialismo", "sionismo", "terrorismo". Por certo: a foto está inserida em texto, e o texto, sendo linear, "explica" a cena ao enumerar suas causas e seus efeitos. A cena não mais é "boa" ou "má", mas evento histórico explicável. No entanto: o texto não mais explica a foto, mas é a foto que ilustra o texto. Lemos o texto "a travez" a foto, (se é que o lemos). Tal domínio da imagem sobre o texto caracteriza a sociedade emergente. De modo que o que interessa não mais é a explicação, mas a magia fascinante.

Outro exemplo: Foto em cartaz mostra escova de dente, situação mágica na qual circula o poder oculto "cárie" que deve ser exorcisado. Compramos a escova e passamo-la ritualmente sobre os dentes, afim de sacrificarmos ao deus. Por certo: podemos consultar o verbete "cárie" em enciclopédia, mas tal texto não passa de pre-texto: não explica o cartaz, é ilustrado por ele. Compraremos a escova, não importa o que a enciclopédia explique a respeito. Pois é isto a função do analfabetismo fotográfico: evitar que expliquemos.

Ainda sabemos ler, e teóricamente poderíamos explicar as fotos. Descobriremos que os poderes "imperialismo", "sionismo" e "terrorismo" são conceitos inscritos no programa do partido político que programou o jornal, e que o poder "cárie" é conceito inscrito no programa da indústria de escovas que programou a agência de publicidade. Mas melhor é não mais lermos. Porque se começarmos a explicar as fotos, como então ter opiniões a respeito do Líbano ou como então comprar escovas?

Como ir trabalhar, arquivar papelada, tomar férias, aposentar-se, e fazer todos esses gestos absurdos do funcionamento, se começarmos a criticar as fotos? O propósito da analfabetismo fotográfico é fazer-nos funcionar em função dos aparelhos, ao não permitir que critiquemos as suas mensagens. Sossegada a crítica, as imagens podem passar a modelar nossas experiências, nossos conhecimentos, nossos valores, e nosso comportamento. E transformar-nos em rebôs que servem de feed-back para os aparelhos.

As nossas experiências podem ser analisadas em "bits" de informação recebidos por fotos, (na mesa de café, no cartaz, na vitrine). Podem ser "calculadas". O mesmo se dá com nossos conhecimentos e nossos valores: são "calculáveis" à base das fotos recebidas. Quanto aos nossos atos, são eles "calculáveis" em "actomas", com cada actoma espelhando determinada foto recebida. Tal robotização é observável em toda parte: nos guichês de bancos, no ato de votar, na dança, na maneira como raciocinamos ou desejamos. As fotos, (e as demais imagens técnicas), dominam sobre nós, desde o nosso gesto mais corriqueiro até o canto mais escondido da nossa mente. E dominam precisamente porque as desprezamos.

Pois aí está, a meu ver, o verdadeiro engajamento dos fotógrafos dignos do nome. Produzem eles imagens surpreendentes, não esperadas, informativas. Ao vermos tais imagens, paramos, surpresos, e exclamamos: "que é isto, pelo amor de Deus?" Tais imagens obrigam-nos ao esforço de decifrá-las. Ao esforço de mobilizarmos a nossa faculdade crítica adormecida. E, uma vez desperta tal faculdade, pode ela virar-se também contra as fotos redundantes que nos manipulam. Destarte o engajamento do fotógrafo autêntico é sacudir-nos para que não nos abandonemos à robotização automática exercida pelos aparelhos. Os fotógrafos autênticos são lutadores pela liberdade e dignidade humana em meio de sociedade dominada por aparelhos automáticos, (entre eles os aparelhos automáticos produtores de fotografias).